

COMUNICADO DE IMPRENSA



PARA RESPONDER ÀS NECESSIDADES DOS NOVOS EMIGRANTES

MISERICÓRDIA DE PARIS DINAMIZA VOLUNTARIADO E INFORMAÇÃO

A diversidade dos perfis e das situações vividas pelos Portugueses que diariamente chegam a França requerem não só um esforço redobrado das autoridades portuguesas, mas também uma intervenção solidária e esclarecida dos responsáveis associativos, empresários e emigrantes lusos instalados de longa data. Esta é uma das conclusões das segundas Jornadas Sociais da Santa Casa da Misericórdia de Paris que decorreu no passado sábado 16 de Junho, nas instalações do Consulado-Geral de Portugal.

Integrado no fim-de-semana comemorativo dos dezoito anos daquela instituição de solidariedade social, o debate – que contou a presença de cerca de meia centena de participantes – iniciou-se com o testemunho de um novo emigrante cuja espiral do desemprego o levou dum lugar de responsabilidade na administração pública portuguesa à frequência da cantina social dos *Restos do Coeur*, em Paris. Entretanto reintegrado no mercado de trabalho, graças à ajuda da Misericórdia e dalguns compatriotas, o primeiro orador afirmou aos presentes: “divorciei-me do meu país no dia em que tive de sair de Portugal”.

Por seu turno, a técnica social do Consulado traçou o perfil dos novos emigrantes que hoje atravessam os Pirinéus. De acordo com Odília Neves, um conjunto de Portugueses – aos quais se juntam por vezes as respectivas famílias – apoiam-se em redes de conhecimentos familiares, de amizade ou profissionais. Um segundo grupo é constituído por ex-emigrantes, com alguma experiência da realidade francesa, cuja situação económica os obriga a dar novamente o salto. Por fim, outros Portugueses tentam a aventura da emigração, alguns dos quais acabando por requerer a ajuda consular quando se encontram em situação de extrema fragilidade, sem trabalho e sem dinheiro.

Também um sindicalista de origem portuguesa, a trabalhar numa conhecida empresa de construção civil francesa, deu conta dalgumas situações de exploração humana. Chamou a atenção para o facto dalgumas empresas portuguesas de trabalho temporário se aproveitarem da extrema precariedade destes operários deslocados, furtando-se a cumprir algumas das disposições legais do Código laboral.

Qualificações académicas, adaptação e resistência

Referindo-se aos recém-chegados com mais qualificação académica, o Embaixador de Portugal em Paris – que tem colaborado estreitamente com a Misericórdia – considerou haver “uma maior dificuldade de adaptação às ofertas de empregos disponíveis, situadas muitas vezes abaixo das suas expectativas profissionais”. Francisco Seixas da Costa recordou ainda que, para além da actual crise europeia, a conjuntural emigração portuguesa se deve bem mais às limitações económicas do país do que a uma característica intrínseca da identidade lusitana. Por seu turno, parafaseando um antigo presidente da República, o Pe Vítor Melícias lembrou que “há vida para além do orçamento”, sensibilizando os presentes para o exercício efectivo da solidariedade e do respeito pelos direitos humanos.

Durante o debate com a sala, os participantes deram conta de experiências diversas – por vezes contraditórias – vividas no contacto com os novos emigrantes. As dificuldades com a língua francesa e a inadequação dos cursos de alfabetização para um público com algumas qualificações académicas foi um dos aspectos referidos. Por outro lado, a exploração levada a cabo por alguns Portugueses que se aproveitam da situação de fragilidade dos seus compatriotas coabita com gestos profundos de solidariedade realizados por outros membros da comunidade portuguesa. Finalmente, houve relatos de casos em que recém-chegados se investem totalmente numa nova vida profissional que portanto está longe de corresponder à sua formação de base, enquanto outros não manifestam tanta força de vontade. Os presentes chamaram ainda a atenção para a necessidade de se melhorar a informação. A esse propósito, o Provedor Joaquim Sousa anunciou que a Misericórdia de Paris acaba de iniciar a publicação duma série de desdobráveis com informações práticas (cidadania europeia, inspecção do trabalho, trabalhadores destacados, prestação de serviços, etc;) brevemente disponíveis no site www.misericordiadeparis.com

No final dos trabalhos, o novo Cônsul-geral de Portugal em Paris lembrou que a instituição que dirige tem já uma série de mecanismos de ajuda que devem ser solicitados por aqueles que deles necessitam. Pedro Lourtie manifestou ainda a sua disponibilidade para colaborar com associações, empresários e membros mais activos da comunidade na procura de respostas, nomeadamente em matéria de emprego, para aqueles que se encontram em situação de maior dificuldade.

Chegam cerca de 20 000 por ano

Durante estas jornadas sociais, Aníbal de Almeida apresentou um documento de síntese. Começou por lembrar que, de acordo com os dados existentes, “os Estados-membros da União Europeia continuam a ser o principal destino dos novos emigrantes portugueses, sendo que a França acolhe cerca de 20 000 dos mais de 100 000 Portugueses que todos os anos saem do País”. O ex-Provedor da Misericórdia de Paris recordou todavia que a livre circulação para os nacionais da União Europeia no interior do espaço Schengen torna praticamente inviável uma contagem precisa dos novos emigrantes. “Contrariamente a um passado recente, não existem registos de saídas, nem de entradas, que permitam estabelecer com rigor os movimentos actuais, sendo por isso difícil conhecer o volume do movimento e as suas características”, afirmou.

Nos últimos anos, assiste-se a novo surto migratório de Portugueses para França, havendo inclusivamente indícios de condições que, nalguns aspectos, fazem recordar os anos sessenta. “A motivação continua a ser a busca de um emprego que não se conseguiu na terra natal, assistindo-se às mesmas situações de insucesso, frustração e exploração, por vezes da parte de compatriotas. Alguns são vítimas dos *novos passadores*”, considerou.

Segundo dados fornecidos pelo departamento de estatística da CNAV (*Caisse Nationale d'Assurance Vieillesse*), sabe-se que entre 1998 e 2006 (exceptuando o ano de 2003, cujos dados não foram comunicados) houve 150 159 novos aderentes à segurança social francesa, nascidos em Portugal: 70 305 homens e 79 854 mulheres. Estas novas inscrições traduzem a declaração duma actividade profissional em França na indústria, no comércio ou nos serviços, na qualidade de assalariado. A média geral destes oito anos é de 18 769 trabalhadores permanentes por ano. Esse número são apenas ligeiramente inferiores aos dados da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades portuguesas (DGACCP), assim como duma sondagem levada a cabo Obra Católica Portuguesa das Migrações (OCPM) com base num estudo relativo à religiosidade dos portugueses em França, ao número de novas inscrições consulares e à abertura de contas nos bancos.

Inauguração da sede, jantar e stand na Festa da Rádio Alfa

No âmbito da comemoração dos dezoito anos da Misericórdia de Paris, teve ainda lugar no sábado, pelas 16h00, a inauguração das novas instalações da Misericórdia de Paris – juntamente com às da CCIFP, da Cap Magellan e da CCPF – por parte do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Portas. Um pouco antes, alguns membros da Misericórdia tinham efectuado uma visita ao jazigo do cemitério d'Enghien-les-Bains, nos arredores de Paris, onde se encontram sepultados alguns Portugueses falecidos em situação de abandono e precariedade. Pelas 21h00, depois da Eucaristia presidida pelo Pe Nuno Aurélio, decorreu ainda na cripta do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, um jantar organizado pelo grupo de jovens cujas receitas se destinam à realização duma peregrinação ao Brasil no âmbito das Jornadas Mundiais da Juventude 2013.

No domingo 17, na Festa da Rádio Alfa, centenas de pessoas passaram pelo stand da Santa Casa, tendo sido registadas algumas inscrições de novos associados, assim como de voluntários para participar em futuras acções a levar a cabo pela instituição. Em jeito de balanço, o Provedor da Misericórdia de Paris regozijou-se com o conjunto de iniciativas organizadas durante o fim-de-semana. Joaquim de Sousa considerou ter sido dado passos significativos para a sensibilização e mobilização da comunidade portuguesa em torno desta realidade complexa, e por vezes trágica, dos novos fluxos migratórios portugueses.

Provedor da Misericórdia de Paris

Joaquim Sousa

ANEXO

Post de 16 de Junho de 2012, do Embaixador de Portugal em Paris, Francisco Seixas da Costa, no seu blogue <http://duas-ou-tres.blogspot.fr/> (aqui reproduzido com a devida autorização do autor)

“Foi para mim muito interessante, nesta manhã de sábado, participar no debate organizado no Consulado-Geral, pela Santa Casa da Misericórdia de Paris, sobre os novos fluxos migratórios portugueses para França. Entre outros, ouvimos testemunhos de cidadãos que procuraram recentemente este país como destino de vida, de empresários que têm acolhido alguns compatriotas, de dirigentes associativos e sindicais com experiência de casos concretos, bem como de responsáveis de apoio social na estrutura consular.

De todas essas intervenções começa a resultar uma imagem mais clara dessa realidade complexa, marcada por uma nova tipologia migratória, feita, em geral de pessoas mais qualificadas academicamente e que, talvez por essa razão, denotam uma maior dificuldade em se adaptarem às ofertas de emprego disponíveis, situadas muitas vezes abaixo das suas expectativas profissionais.

Também se falou da situação social específica de Portugal, da crise europeia, dos frequentes atos de solidariedade, da exploração oportunista de pessoas em dificuldade por empresários desonestos, dos problemas de comunicação e de uma multiplicidade de outras realidades. Evidente ficou a necessidade de um grande esforço de informação aos potenciais ou novos migrantes dos riscos que têm que ter em conta, mas igualmente dos direitos que lhes assistem e dos recursos que lhes estão disponíveis.

Na intervenção com que concluí uma das sessões, deixei clara a minha perspetiva de que a emigração por motivos económicos é sempre trágica, porque não é mais do que a constatação da incapacidade do país de proporcionar condições de vida decente a quem nele nasceu. O normal é um cidadão poder realizar-se, em pleno, sem ter de sair do seu país. Às vezes, fica a impressão de que os portugueses têm uma espécie de tropismo identitário para emigrarem, que isso já faz parte da sua natureza. Não nos iludamos e não confundamos os impulsos de aventura e de legítima ambição pessoal ou profissional com as rotas tristes da necessidade e da miséria. O que é uma evidência indiscutível é o facto de que, nos últimos dois séculos, o nosso país foi incapaz de sustentar um processo de progresso interno que desse oportunidade a muitos dos nossos compatriotas de, se assim o quisessem, se realizarem plenamente no seu seio. E, por isso, muitos foram obrigados a sair, por vezes em condições dramáticas, com percursos de vida frequentemente heróicos, dos quais o país se deve orgulhar muito, por tudo quanto esses compatriotas conseguiram fazer por si próprios e pela imagem de Portugal. Mas que, simultaneamente, Portugal também se deve envergonhar bastante, por aquilo que infelizmente lhes não soube proporcionar. Por muito que isso possa não ajudar ao nosso ego, Portugal foi e continua a ser, desde há muito, o país mais pobre da Europa ocidental. E, enquanto isso assim acontecer e não conseguirmos gerar, para todos, soluções decentes de vida, dentro das nossas fronteiras, uma parte de Portugal andará sempre numa viagem forçada pelo mundo ».

Publicado por Francisco Seixas da Costa às 12:30 10 comentários